

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS E SABERES

Leandro Silva de Jesus¹
Lucimara de Souza porto²
Raisa da Silva Melgaço³

RESUMO

O presente artigo foi elaborado no bojo do componente curricular: Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade- TEC I, como requisito para construção do trabalho do curso de pedagogia e tem como finalidade compreender as práticas e saberes da alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), visto que se trata de uma modalidade de ensino criada para aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica em idade própria. Nesse sentido a EJA se traduz pelo compromisso socioeconômico, cultural e político em relação ao direito à educação dos que vivem marginalizados pelo sistema educacional. Isso posto, cabe a todos os envolvidos com educação criar condições necessárias para que a realidade da exclusão seja modificada. Para desenvolvimento deste artigo foram realizados estudos bibliográficos de algumas obras como Gadotti (2001); Abreu (2008); Silva (2009) e Rodrigues (2009), nessa perspectiva é apresentado nesse estudo o desdobramento histórico, bem como os saberes oriundos dos educandos da EJA e seu impacto na educação brasileira. Isso posto, conclui-se que é necessário reconhecer analisar e sistematizar o contexto que envolve os educandos em sala de aula, a partir do momento em que se considera a importância do letramento, valorizar o foco no aluno que constrói o seu próprio conhecimento sobre a língua escrita, e não apenas no conhecimento do professor.

Palavras-chaves: Práticas; Saberes; Concepções; Educação; EJA

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender de que forma as práticas dos educadores da EJA, contribuem para os saberes dos educandos, tendo em vista que se trata de uma modalidade de ensino de grande importância e representa uma alternativa para aqueles cidadãos que por diversos motivos foram excluídos da escola regular.

A EJA é um campo grande educativo, por atender a alunos com amplo conhecimento de história de vida e que constituem sujeitos sociais, pertencentes a diferentes grupos, carregados de marcas culturais, senhores de um processo próprio de cultura de conhecimento característicos ao grupo a que fazem parte e lembrança de suas atividades com resultado, um dos desafios da prática docente é contemplar no processo de formação essas características.

¹ Graduando em Pedagogia UNEB/DEDC- X leandrotosh2@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia UNEB/DEDC- X maragirl.porto@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia UNEB/DEDC- X raisa16.ysa@hotmail.com

Nesta visão de construir significados para o educando, Vasconcellos (2002, p. 89), fala do papel do professor, dizendo que: [...] o professor parte do que o aluno tem de quadro de significação e vai introduzindo, pela problematização, novos elementos para análise. O conhecimento anterior do aluno, como foi apontado, não pode ser desprezado, pois o novo vai ser construído a partir do existente, a não ser que entendamos que o conhecimento vai ser transmitido e depositado na cabeça do aluno de acordo com o relatado.

Mediante o exposto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, uma vez que a mesma possibilita o embasamento teórico mais aprofundado com os estudos de autores que ajudaram na construção e desse trabalho.

Para apreensão do objeto investigado esta pesquisa foi trabalhada considerando o eixo conceitual que foi sustentado nos seguintes autores: Gadotti (2001) no trato das questões relaciona-as a formação de professor; Abreu (2008) em relação às concepções e práticas pedagógicas, Silva (2009), concepções dos professores da EJA de escola municipais sobre a alfabetização e letramento e suas interferências na prática educativa e Rodrigues (2009), Práticas cotidianas na docência dos professores do Ensino Médio na EJA: reflexões sobre o processo de legitimação dos saberes. Já em relação ao segundo eixo este será apresentado através da pesquisa qualitativa, onde será utilizada a observação, entrevistas, dentre outros.

O presente artigo foi organizado considerando a historicidade da EJA no Brasil, razões que justificam a EJA, perfil dos educandos da EJA, os indicadores da EJA segundo o IBGE e a influência da prática pedagógica dos professores para contextualização dos saberes dos educandos.

2 A historicidade da educação de jovens adultos no Brasil

A Educação de Jovens Adultos foi contemplada na legislação brasileira na Constituição de 1934, que estabeleceu um Plano Nacional na Educação, no qual, pela primeira vez, indicava a EJA como o dever do Estado, incluindo suas normas, ofertas de ensino primário, integral e gratuito de frequência obrigatória extensiva para os adultos.

A partir da Primeira conferência Internacional sobre a Educação de Adultos, realizada na Dinamarca (1949), a educação de adultos foi concebida como uma espécie de educação moral, a escola não havia conseguido evitar a barbárie da guerra ela havia dado conta de formar o homem para a paz. Por isso se fazia necessária uma educação “paralela”, fora da

escola, cujo objetivo seria contribuir para o respeito aos direitos humanos e para o respeito aos direitos de educação continuada para jovens e adultos, mesmo depois da escola.

Depois da 2ª Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em Montreal (1963), aparece dois enfoques distintos: a educação de adultos concebida como uma continuação da educação formal, como educação permanente e, de outro lado, a educação de base ou comunitária.

Em 1972, em Tóquio, a 3ª Conferência Internacional de Educação de Adultos, tem por objetivo reintroduzir jovens e adultos ao sistema formal de educação. A Educação de Adultos volta a ser concebida como suplência da Educação Fundamental, reintroduzindo jovens e adultos principalmente analfabetos no sistema formal de educação.

A 4ª Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Paris, em 1985, caracterizou-se pela diversidade de conceitos, surgindo então, o conceito de Educação de Adultos. Em 1990, com a realização da conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizado em Jomtien, na Tailândia, compreendeu-se a alfabetização de Jovens e Adultos como sendo a 1ª etapa da Educação Básica, consagrando então a ideia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização.

Em julho de 1997, foi realizada a 5ª Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos em Hamburgo. Basearam-se no desenvolvimento centrado no ser humano e a existência de uma sociedade participativa, focando no respeito integral dos direitos humanos levando a um desenvolvimento justo e sustentável.

A 6ª Conferência Internacional ocorrida no Brasil, em Belém, em dezembro de 2009, frisou que a aprendizagem ao longo da vida constitui: Uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento. (UNESCO, 2009, p.3).

Observa-se que a EJA, ao longo de sua história, teve avanços significativos ao ser inserida no corpo legal como modalidade de ensino, através da Lei de Diretrizes e Base da educação- LDB nº 9.394/96, representando um passo importante na reconquista do direito universal à educação. No Brasil e em outras áreas da América Latina, a Educação de Adultos viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela tínhamos poucos anos atrás. A Educação de Jovens e Adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como Educação popular.

Segundo Silva (2009), o surgimento da EJA no Brasil vem buscando consolidar o direito de uma educação digna para todos, independentemente de idade ou condição social, conforme relata o referido autor:

O MEC anunciou em Janeiro de 2003, que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade para o governo federal. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária Erradicação do Analfabetismo cuja meta é acabar analfabetismo no mandato de Lula. Para cumprir essa meta, foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado por meio do qual o MEC contribuirá com os órgãos estaduais e municipais instituições do ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvam ações de alfabetização. (p.21)

Segundo o anúncio do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Educação de Jovens e Adultos seria uma prioridade para o governo federal, reduzindo o índice de analfabetismo e investindo na EJA para que os jovens e adultos retornassem à escola.

2.1 Falta de acesso a educação na idade certa: razões que justificam a EJA

Na EJA, como na educação regular, vivem-se diferentes problemas de inclusão, ao processo de escolarização e a continuação do aluno até a conclusão do curso, por isso, é preciso conhecer o sujeito da EJA, grupos que se diferenciam pela desigualdade e pela sua cultura. Segundo Oliveira, (1999, p.59), o sujeito da EJA vem de um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea.

Para compreender até então as especificidades da EJA é preciso apontar as causas pelos quais esses sujeitos deixaram de frequentar a escola na idade considerada ideal para o ensino fundamental e médio. De modo geral, os educadores não entendam que cada aluno tem o seu mundo, específico e que requer atividades focadas em seus interesses, e na sua capacidade de aprender assim, apenas os educadores agem como atuante e tornado a educação um simples ato de depositar conhecimentos sendo os educandos os depositários e o educador o depositante. A atitude de como e modo que, a escola exclui esses sujeitos, pois deixando de envolvê-los como seres sociais que constroem sentidos a partir de suas relações e situações em que estão colocados.

Há que se falar em como receber a questão de jovens e adultos que voltam a escola que, de alguma maneira, um dia já lhes excluiu. Como plantar os sujeitos da EJA no processo ensino-aprendizagem, como atentar a preparação crítica dos saberes? Como interagir com

seu conhecimento, suas informações acumulados e suas pensamentos sobre o mundo externo sobre si mesmo e sobre as outras pessoas? É preciso buscar a harmonia entre a escola e esses sujeitos que dela se servem, de maneira a considerar suas perspectivas. Abreu (2013, p.3) enfatiza que hoje o ensino da EJA volta-se, exatamente, para a busca da conscientização desse sujeito, possibilitando-lhe agir e reagir diante de situações concretas de sua realidade.

Do mesmo modo a educação que promove a socialização dos indivíduos consiste em conhecer os jovens e os adultos como sujeitos, em repensar a EJA, seus currículos e seus aprendizados educativos como um método de humanização. Para tal, é indispensável que a escola seja um ambiente de relações sociais com qualidade, onde o sujeito possa abrir os olhos o desejo pelo saber respeitando as diferentes linguagens e expressões culturais vivenciados nos grupos em que vive. Segundo (Silva, 2009), fazemos parte de uma sociedade letrada, na qual a escrita está presente o tempo todo, onde é exigido que as pessoas estejam aplicando os conhecimentos adquiridos: na família, na igreja, nos clubes e em especial na escola, cotidianamente.

A escrita ela não está só presente no ambiente escolar, mas, sim na sociedade como um todo, mas para cada situação comunicativa há objetivos diversificados em relação ao uso da escrita quanto da oralidade. Sendo assim é necessário de uso de métodos e ferramentas diferenciados para tratar com turmas da EJA, por possuir educandos com características especiais e singulares que devem ser mantidas e respeitadas preservando a identidade do aluno.

2.2 Perfil dos educandos da EJA

Atualmente a EJA é muito frequentada por jovens que deixaram a escola por algumas razões e voltam a estudar, mas já inseridos na EJA. Os adultos que não tiveram acesso à escola procuram a escola com os mesmos direitos e deveres de todos exercendo o papel de cidadãos, não só para aprender a ler e escrever, mas sim para terem um conhecimento que possam utilizar fora do ambiente escolar.

Sobre o exposto, Silva (2009) relata:

A escola tem a função de organizar e estruturar esses conhecimentos necessários, na construção de um processo de alfabetização de jovens e adultos, que oportunize ao indivíduo perceber a importância da escrita, nas suas atividades cotidianas como: pegar um ônibus, ler uma placa, escrever um bilhete, preencher um cheque etc., pois

não adianta simplesmente saber ler, se não existe um atendimento daquilo que está sendo lido e não existe um exercício dessas práticas no seu dia-a-dia. (p. 27- 28).

Às vezes, o adulto que teve oportunidade de ingressar na escola anteriormente vivenciou métodos de ensino totalmente diferentes para os métodos de hoje, muitos educandos da EJA já presenciaram o método tradicional, em que só o professor, tem a vez e a voz, em que o educando não podia dar sua opinião em nada, só ouvindo, mas sem poder socializar algo em sala de aula. A proposta pedagógica na Educação de Jovens e Adultos na atualidade é bem diferente, professor e educando mantém trocas de saberes e experiências. Conforme Silva (2009, p. 26):

Já existia uma prática que vem sendo utilizado ao longo de vários anos, onde a visão de alfabetizar era meramente a união do “B+ A = BA” é assim um processo de memorização. Isso era bastante para a inteorização de um código e, em seguida, a decodificação do mesmo. A partir daí acredita-se que era suficiente para considerar o indivíduo pronto e alfabetizado. Contudo, hoje vem sendo observado que essa prática não é adequada para dar conta do volume de informações que temos diante dos avanços tecnológicos. Também precisamos ver a leitura e escrita como práticas sociais.

Essa prática hoje está sendo mudada pelos professores no momento de alfabetizar os alunos porque são muitas informações transmitidas pelos professores para os alunos na alfabetização se adequarem.

Nesta visão de construir significados para o educando, Vasconcellos (2002), fala do papel do professor, dizendo que:

[...] o professor parte do que o aluno tem de quadro de significação e vai introduzindo, pela problematização, novos elementos para análise. O conhecimento anterior do aluno, como foi apontado, não pode ser desprezado, pois o novo vai ser construído a partir do existente, a não ser que entendamos que o conhecimento vai ser transmitido e depositado na cabeça do aluno de acordo com aquilo que falamos. (p.89).

A EJA é um desafio para os educadores e gestores da educação na esfera socioeconômica, cultural e política. Precisa-se reconhecer analisar e sistematizar o contexto que envolve os educandos em sala de aula. Cabendo a todos os envolvidos com a educação criar condições necessárias para que a realidade de exclusão seja modificada.

2.3 Indicadores de desempenho da educação de jovens e adultos, segundo o IBGE

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD /IBGE 2011, o Brasil tem uma população de 56,2 milhões de pessoas com mais de 18 anos que não frequentam a escola e não têm o ensino fundamental completo. Esses alunos que não tiveram

acesso à escola tem o direito de serem inseridos na EJA, a Educação de Jovens e Adultos está espalhada pelo Brasil todo e nos últimos anos apresentou uma queda aos números de alunos matriculados na EJA, conforme o Censo Escolar de 2012:

A educação de jovens e adultos (EJA) apresentou queda de 3,4% (139.292), totalizando 3.906.877 matrículas em 2012. Desse total, 2.561.013 (65,6%) estão no ensino fundamental (inclui EJA integrada à educação profissional e Pro jovem – Urbano) e 1.309.871 (34,4%) no ensino médio (inclui EJA integrada à educação profissional). (BRASIL, 2012, p.25)

Muitos Jovens e Adultos estão fora da escola e alguns ainda pensam em retornar outros adultos criticam porque já estão com idade avançada tem adulto que fala, “eu não aprendi de novo e de velho é ai mesmo que eu não vou aprender nada, pra que ir para escola ocupar cadeira de outro que quer aprender”. Então ainda encontramos adultos que mostram desinteressado ao retornar a escola. Brandão enfatizar que:

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e adultos. (p.31).

Nesse sentido um dos passos em que os jovens e adultos desafiam na EJA, é a condição de ser aluno trabalhador começando ou retornando a escola, esses jovens e adultos são trabalhadores que lutam oito ou mais horas trabalhando e ainda tem tempo para a escola. Eles mesmos cansados não excluem a escola como um objeto qualquer.

2.4 A influência da prática pedagógica dos professores para contextualização dos saberes dos educandos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma barreira desafiadora pelos educadores e educandos que fazem parte dela, por que jovens e adultos trabalhadores, empregados ou não, estão inserido na EJA em busca de novos conhecimentos e de perspectivas trazendo consigo saberes da infância para a sala de aula.

E os professores na sala de aula transmitem para o aluno seus conhecimentos adquiridos em seus estudos, que pode auxiliar o aluno no ambiente escolar, cabem às escolas

e os professores hoje não excluem o aluno, para que ele tenha novas expectativas de vida. Tanto Freire (1996) como Gohn (2011) afirmam [...] que toda a prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, e outro que, aprendendo, ensina.

Os educadores em sua prática percebem o aluno que interagem, mantém em sala de aula uma relação de professor e aluno permitindo que o aluno participe de uma prática interdisciplinar.

Segundo exposto autor Freire (1996):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiências sociais que eles têm com indivíduos? (p.17).

As práticas dos professores da EJA buscam sempre trazer novos conhecimentos para que os alunos recebam de maneira clara e objetiva. Enfim é importante ressaltar que o aluno quando chega à escola traz uma bagagem cultural muito ampla, com sua historicidade e vivência singular, que ao se relacionar em diversos espaços carrega consigo experiências e saberes relevantes que devem ser valorizados no contexto escolar.

Desde as últimas décadas, o debate sobre a prática alfabetizadora está focado principalmente, no desenvolvimento de práticas que proporcione a reflexão das funções sociais da escrita designada como letramento, definido como “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, (Soares, 2009, p.47). A autora enfatiza a necessidade de alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar a partir de práticas que proporcionem a reflexão sobre o uso social da língua escrita.

Soares resalta que o alfabetizador deve levar em consideração os conhecimentos que os sujeitos já possuem sobre a escrita e que o ensino da língua escrita deva partir de práticas reais a partir de suas experiências sobre o uso da língua escrita em seu cotidiano. Compreendemos que os conhecimentos oriundos da prática pedagógica, como já afirmamos, são os saberes que irão direcioná-la, produzindo conhecimentos a partir de reflexões sobre a prática pedagógica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos encontra-se diante de antigos e novos desafios para melhorar a sua qualidade de ensino como um todo.

Há preocupações com a construção do conhecimento e a interação do mesmo com usos sociais da escrita, tendo em vista o papel da educação, deve-se investir em uma formação que possibilite ao indivíduo aprender criticamente participando do trabalho e da vida coletiva, acompanhando a dinamicidade das mudanças sociais, partindo da utilização metodológica adequada de conhecimentos científicos tecnológicos e sócios- histórico.

É necessário reconhecer analisar e sistematizar o contexto que envolve os educandos em sala de aula, a partir do momento em que se considera a importância do letramento, valorizar o foco no aluno que constrói o seu próprio conhecimento sobre a língua escrita, e não apenas no conhecimento do professor. É fundamental buscar uma formação de professores adequada a esses educandos, que trazem consigo uma rica experiência que já tem em sua história, uma cultura ao longo do caminho percorrido.

Como ressalta Freire porque não usar a realidade do aluno, a sua bagagem cultural? É necessário que suas experiências e saberes sejam valorizados no contexto escolar.

Como foi apontado o conhecimento anterior do aluno não pode ser desprezado, pois o novo vai ser construído a partir do existente, a não ser que entendamos que o conhecimento vai ser transmitindo e depositado na cabeça do aluno de acordo com aquilo que falamos, todos os cidadãos tem direito a uma educação que não se limita apenas ao ensinar, ler e escrever, mas sim, uma educação que propicie autonomia capacitando seus alunos a participarem de maneiras críticas na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carlos Anderson Santos de. **CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/** Carlos Anderson Santos de Abreu-Florianópolis: 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á práticas educativa**, 4ªed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **OS sem terra, ONGS e cidadania: a sociedade civil Brasileira na era globalizada.** 3º ed. Cortez. São Paulo, 2003.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e propostas**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: [http: www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

SILVA, Sandra Alves da. **Concepções dos professores da EJA de escola Municipais sobre a alfabetização e letramento e suas interferências na prática educativa**. Sandra Alves da Silva- João Pessoa, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Revista de Educação de jovens e Adultos. **Alfabetização e Cidadania**. Nº14- Julho de 2002.